

A dimensão colaborativa da educação para o desenvolvimento: uma proposta de reflexão

Albertina Raposo¹, Hugo Marques², Céu André¹, La Salette Coelho³, Susana Colaço⁴,
Sandra Fernandes², Teresa Gonçalves³, Margarida Silveira¹, Marta Uva⁴
albertina@ipbeja.pt, hugo.marques@fgs.org.pt, mandre@ipbeja.pt,
lasaletecoelho@ese.ipvc.pt, susana.colaco@ese.ipsantarem.pt,
sandra.fernandes@fgs.org.pt, teresag@ese.ipvc.pt, msilveira@ipbeja.pt,
marta.uva@ese.ipsantarem.pt

¹ *Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Beja, Portugal*

² *Fundação Gonçalo da Silveira, Lisboa, Portugal*

³ *Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Portugal*

⁴ *Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Santarém, Portugal*

Resumo

As possibilidades de integração e/ou o reforço das temáticas de Educação para a Cidadania Global e Desenvolvimento na formação de professores/as bem como a implementação e disseminação de atividades nos Agrupamentos de Escolas, partindo do princípio que estes representam espaços privilegiados para a participação e a construção do futuro das sociedades, representam uma oportunidade de contributo efetivo para a transformação social. É neste pressuposto que surge o Projeto Escolas Transformadoras. Tendo como parceiros uma Organização Não Governamental para o Desenvolvimento (Fundação Gonçalo da Silveira) e três Escolas Superiores de Educação integradas em Institutos Politécnicos (Beja, Santarém e Viana do Castelo) o Projeto *Escolas Transformadoras* propõe-se pensar a escola enquanto agente de cidadania que promove o pensamento crítico, a criatividade, modelos inovadores de ensino/aprendizagem que contribuem para repensar a Educação para a Cidadania, na sua dimensão de Educação para a Cidadania Global e Desenvolvimento. Este artigo, assente nos resultados que se visam alcançar e nas atividades a desenvolver, é uma proposta de reflexão sobre o desenvolvimento do trabalho colaborativo e a importância do cuidar da relação nas suas diferentes dimensões e esferas de atuação.

Palavras Chave: educação para a cidadania, educação para o desenvolvimento, trabalho colaborativo, trabalho em rede.

Abstract

The possibilities to integrate and/or reinforce the themes of Global Citizenship Education and Development in teacher training as well as the implementation and dissemination of activities in the School Groups, assuming that they represent privileged spaces for participation and the construction of the future of societies, represent an opportunity for an effective contribution to social transformation. It is in this assumption that the *Transforming Schools Project* appears. Having as partners a Non-Governmental Development Organization (Fundação Gonçalo da Silveira) and three Higher Education Schools integrated in Polytechnic Institutes (Beja, Santarém and Viana do Castelo), the *Transforming Schools Project* proposes to think the school as an agent of citizenship that

promotes critical thinking, creativity, innovative models of teaching / learning that contribute to rethinking Education for Citizenship in its dimension of Education for Global Citizenship and Development. This communication, based on the results to be achieved and on the activities to be developed, is a proposal for reflection on the development of collaborative work and the importance of taking care of the relationship in its different dimensions and spheres of action.

Keywords: education for global citizenship, development education, collaborative work, network.

1 Introdução

1.1 A escola enquanto espaço de aprendizagem

As profundas e rápidas mudanças a que assistimos na sociedade atual têm conduzido a assimetrias que se traduzem em desigualdades de ordem variada mas que, muitas vezes, põem em causa valores humanos como a justiça social, a inclusão ou a solidariedade, entre outros. Para que possamos contribuir para a construção de uma melhor sociedade a uma escala global, é necessário que as pessoas tenham acesso a uma educação que não se restrinja a conteúdos técnicos mas que antes, ajude a criar pensamento crítico e a fomentar uma cidadania ativa e interventiva e que, trazendo as vivências e experiências do mundo real para o centro das aprendizagens; proponha novos modos de pensar e agir. Como diz Jara (2016) não basta desenvolver processos educativos que permitam uma adaptação às mudanças que se estão produzindo na sociedade. São precisos processos que possibilitem gerar nos/as seus participantes, capacidades de transformação e mudança societal.

A Educação para o Desenvolvimento (ED), enquanto processo de educação transformadora, assenta nesta capacitação para a transformação propondo, através da abordagem e aprofundamento das problemáticas dos dias de hoje e da sua complexidade relacional, um sentido de Educação enquanto agente de transformação social global com vista à progressiva construção de uma sociedade justa, equitativa e solidária. Nesta ótica, a ED assume-se como compromisso de educação transformadora para a uma cidadania global, tal como é referido na orientação estratégica portuguesa: “Promover a cidadania global através de processos de aprendizagem e de sensibilização da sociedade portuguesa para as questões do desenvolvimento, num contexto de crescente interdependência, tendo como horizonte a ação orientada para a transformação social” (ENED - Despacho n.º 25931/2009, p. 48398).

Em Portugal, no contexto atual das escolas, têm-se vindo a fazer avanços no que toca ao espaço curricular para refletir e trabalhar temáticas ligadas à Cidadania e Desenvolvimento seguindo estas orientações no sentido de tornar a Cidadania e o Desenvolvimento mais centrais nos currículos e nas escolas. A elaboração de documentos de referência a nível nacional, mais concretamente o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, o projeto de autonomia e flexibilidade curricular dos ensinos básico e secundário (Despacho n.º 5908/2017, de 5 de julho) e a Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania são exemplos disso. Também a publicação de vários referenciais promovidos pela DGE/Ministério da Educação que visam apoiar os/as educadores/as e professores/as a trabalhar na área da Educação para a Cidadania, de entre os quais se salienta o Referencial de Educação para o Desenvolvimento – Educação Pré-escolar, Ensino Básico e Ensino Secundário contribuem para criar um

ambiente de reflexão sobre como, quando e porquê falar sobre Cidadania na Escola Pública. Ao mesmo tempo, este novo enquadramento levanta um conjunto de desafios aos/às educadores/as e professores/as no que diz respeito à prática destas orientações nos contextos escolares e à qualidade das mesmas.

1.2 O que é uma escola transformadora?

Para Boni (2018) “Falamos de educação transformadora quando promovemos e criamos condições para a existência de cidadãos globais, pessoas activas, responsáveis, comprometidas, que querem transformar a partir de um conjunto de princípios como a justiça social, a equidade, o respeito e a igualdade. Pessoas que querem transformar a sua sociedade, aquela em que estão inseridas e que lhes está próxima, mas tendo presente o global. Nesta perspectiva, uma escola capaz deste desafio converte-se em espaço de transformação.” Boni (2018) sublinha também que uma escola Transformadora é aquela que, realizando os seus diagnósticos, sabe de onde parte e até onde quer e pode ir e quais as suas prioridades.

Jara (2015) compara a educação tradicional com a educação transformadora apontando diferenças a três níveis principais nomeadamente 1) o foco (ensino vs. aprendizagem/capacidade para aprender, conhecer, questionar), 2) a estrutura organizacional (vertical/autoritária vs. horizontal/colaborativa) e 3) o ambiente (desligada do contexto social, cultural, político vs. com uma visão crítica sobre esse ambiente).

Para que seja possível que a escola venha a ser uma escola transformadora, ela não pode então estar unicamente preocupada com o mercado e o êxito individual e conseqüentemente com as questões associadas a estes dois fatores mas são também imprescindíveis as questões éticas da solidariedade, a ética do bem viver e a ética do encontro com o mundo ao qual pertencemos (Jara, 2015).

Ao desenvolver essas capacidades de transformação, gera-se empoderamento das pessoas fazendo que também as estruturas e organizações se transformem (Jara, 2015).

Para Sadan (1997), pioneiro no conceito de empoderamento (*empowerment*), o termo assenta na integração da análise individual e do meio social e político e é definido como um processo interativo que ocorre entre o indivíduo e o seu meio e durante o qual o sentido do ‘*eu inútil*’ muda para um ‘*eu cidadão*’, assertivo, com capacidade sociopolítica. É este empoderamento que, segundo Jara (2015), permite relações sociais mais humanas, mais democráticas e dá aos espaços educativos a capacidade de criar novas e melhores ações.

2 O projeto “Escolas Transformadoras”

O projeto “Escolas Transformadoras: contributos para uma mudança social a partir da Educação para o Desenvolvimento e para a Cidadania Global na Escola”, surge da necessidade de repensar a Escola com as escolas. Tendo como parceiros uma Organização Não Governamental para o Desenvolvimento (Fundação Gonçalo da Silveira, em Lisboa) e três Escolas Superiores de Educação integradas em Institutos Politécnicos (Beja, Santarém e Viana do Castelo), o Projeto *Escolas Transformadoras* propõe-se pensar a escola enquanto agente de cidadania que promove o pensamento crítico, a criatividade, modelos inovadores de ensino/aprendizagem que contribuem para

repensar a Educação para a Cidadania, na sua dimensão de Educação para a Cidadania Global e Desenvolvimento.

A Educação para o Desenvolvimento, através das temáticas que aborda, das metodologias que adota, da capacidade de criar um ambiente propício à reflexão crítica e ação consciente, tem a capacidade de trazer para a escola aprendizagens importantes na construção de uma cidadania solidária e global. Os objetivos e planeamento do projeto surgem de um processo de reflexão e trabalho conjunto entre uma ONGD que vem trabalhando na última década com várias parcerias em contextos de educação formal nos seus vários níveis de ensino, incluindo o Ensino Superior, e três Escolas Superiores de Educação com intervenção local e nacional ao nível da Educação para o Desenvolvimento. Esta colaboração pretende trazer para o âmbito do projeto, para os seus objetivos, resultados e atividades, uma partilha transversal e horizontal das práticas e saberes de cada uma das entidades parceiras, alicerçadas nas suas diferentes experiências, processos e geografias.

A Educação para o Desenvolvimento nos contextos de educação formal tem uma história relativamente recente e um percurso ainda longo à sua frente. Este projeto pretende trazer contributos importantes para esse percurso construindo conhecimento sobre a Escola, Desenvolvimento, Cidadania e Transformação Social.

O projeto estabeleceu como Objetivo Global: “Reforçar a ED na Escola enquanto espaço de reflexão crítica e transformação social” e como Objetivo Específico: “Apoiar as comunidades educativas e os outros agentes escolares na implementação da Estratégia de Educação para a Cidadania, especificamente na sua vertente de Educação para o Desenvolvimento” sendo que, para alcançar estes objetivos, estão previstos três resultados que abrangem vários contextos e intervenientes nomeadamente 1) Aprendizagens, competências e práticas de ED dentro das ESE de Beja, Santarém e Viana do Castelo reforçadas, 2) Dinâmicas de ED nas comunidades educativas consolidadas e 3) espaços de diálogo, partilha e reflexão entre agentes educativos criados e dinamizados.

3 Metodologia

Propondo o projeto uma intervenção coerente e baseada nos princípios e valores da Educação para o Desenvolvimento, com uma dinâmica colaborativa em todas as suas atividades, toda a metodologia de trabalho assenta no trabalho colaborativo, numa lógica de construção conjunta de trabalho e de aprendizagens a partir de um contexto; isto permite promover sinergias e dar significado individual e de grupo, ao que se constrói. Importa salientar que esta é sempre a base metodológica de desenvolvimento das diferentes atividades do projeto sendo que nesta fase inicial apenas realizámos o diagnóstico de trabalho em ED nas três ESE parceiras do projeto.

Para o desenvolvimento do projeto dentro dos princípios definidos, a identificação das forças e fraquezas em cada território torna-se fundamental como ponto de partida para este processo. Foi então realizado um diagnóstico de necessidades nas três ESE (constituído por um questionário on-line e uma sessão presencial em cada uma das ESE).

Responderam ao questionário on-line um total de quarenta e quatro docentes das três ESE sendo que trinta e seis docentes estão há mais de 10 anos nas suas instituições e sete não estão familiarizados com o conceito de ED.

4 Resultados

Ao momento, os resultados obtidos dizem respeito à identificação de forças e fraquezas nos diferentes territórios quanto ao trabalho em ED.

Relativamente aos espaços nos quais se identificam temas/conteúdos/metodologias de ED/ECG, eles surgem comuns às três ESE e são a) nos programas das UC, b) nas estratégias e atividades, c) nos trabalhos dos estudantes e d) na supervisão das práticas pedagógicas.

Relativamente ao grau de dificuldade em trabalhar estas áreas, nas ESE de Beja e Santarém, as respostas variam entre pouco difícil e muito difícil, com a exceção de três docentes de Viana do Castelo que consideraram que não é difícil trabalhar as temáticas.

No que respeita aos constrangimentos encontrados no trabalho em ED, são 4 os principais encontrados nomeadamente a) falta de trabalho colaborativo, b) o tempo, c) a rigidez dos conteúdos das UC e d) a complexidade das problemáticas tendo sido também apontado e) a estrutura e dinâmica institucional.

A grande maioria dos respondentes manifestou a necessidade de formação tanto em temáticas de ED (eg: cidadania, sustentabilidade) como em metodologias (eg: metodologias ativas).

Para além do questionário, realizou-se também uma sessão presencial em cada ESE. Os participantes refletiram sobre as aprendizagens, competências e práticas de ED que sentem que estão em falta ou a precisar de ser reforçadas nas suas ESE tendo sido as respostas obtidas agrupadas nas 7 categorias que a seguir se transcrevem:

- Espaço de reflexão crítica
- Sistematização de exercícios culturais e cooperativos
- Tempo
- Projetos/trabalho multidisciplinar
- Relacionamento interpessoal
- Infusão das temáticas de ED nos currícula e nos programas das UC
- Abordagens metodológicas coerentes com a ED

Como resultado da sessão presencial surgem os seguintes tópicos emergentes a) Processos e trabalho colaborativos, b) Criação de espaços de reflexão crítica/pensamento crítico, c) Trazer pessoas diferentes à instituição/contacto com novas realidades, d) Visões de ED e novas formas de aprendizagem, e) Partilha de experiências entre ESE e com comunidades, f) Cultura organizacional entre ESE, g) ENEC - potenciais e limitações práticas, h) Articulação ENEC – ENED, i) Avaliação na área da Educação para a Cidadania e, também, j) Recolher evidências sobre o trabalho desenvolvido e refletir sobre as nossas próprias práticas e/ou promover a reflexão dos agrupamentos sobre as suas práticas.

5 Discussão e lições aprendidas

Quando queremos ou nos encontramos a trabalhar a Educação para o Desenvolvimento é fulcral perguntar o que se quer transformar. O que faz com que o mundo hoje em dia necessite de mudar? E mudar para o quê? As escolas, como todos os contextos de aprendizagem, estão expostas a uma série de problemáticas que emergem num mundo que transforma com rapidez e aos efeitos dessa transformação nas relações humanas. A Educação para o Desenvolvimento traz às escolas uma proposta de reflexão crítica sobre estas problemáticas que alguns educadores/as e professores/as apontam como estando ausente.

A Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania reforça a importância de "investir e integrar a Educação para a Cidadania na formação inicial e na formação contínua de docentes" (estratégia nacional de EC, p. 5). A formação em ED no ensino formal e a capacitação de novos/as formadores/as em ED que vão difundindo e alargando o conhecimento da Educação para o Desenvolvimento, pretende alargar as experiências nesta área e dar resposta no apoio ao conhecimento da ED e perspectivá-la enquanto forma de construir uma cidadania responsável e crítica.

Sem ter temáticas específicas, a ED trabalha a partir das problemáticas existentes, indo à raiz do problema para as entender, aprofundar as suas interligações e complexidade, para propor formas de atuação sobre o problema. Nas escolas, os espaços reflexivos que permitem processos reflexivos como o que a ED propõe são escassos. As aproximações temáticas são muitas vezes feitas de forma paliativa, polarizada entre noções de bem e de mal, verdadeiro e falso, não estimulando a reflexividade crítica nos/as alunos/as.

Em contraposição, a abordagem da ED "procura promover a mudança sem dizer aos aprendentes o que eles devem pensar ou fazer, criando um espaço no qual se sintam seguros e confiantes para analisar e experimentar outras formas de ver/pensar e de ser/relacionar com o outro" (Andreotti, 2014), propondo um posicionamento face à problemática.

Nesta fase do projeto/processo, fizemos já uma sistematização dos diversos e diferentes «sentires» dos elementos da equipa colaborativa. Sabendo que cada indivíduo e cada instituição estão em fases diferentes de contacto com a ED e têm especificidades e particularidades únicas, o balanço dos primeiros seis meses reflete oportunidades, condições essenciais, constrangimentos e "sentires" partilhados entre a equipa:

Oportunidades: a) envolver outros/as colegas na reflexão e ação sobre estas temáticas; b) e suporte para olhar o mundo de outra forma; c) aprendizagem; d) sair da zona de conforto; e) responder à necessidade de olhar para dentro da escola; f) construção de comunidade: ver crescer uma comunidade dentro da ESE e entre as três ESE; g) participar e tirar partido dos conteúdos produzidos com o projeto; h) oportunidade de aprofundar conhecimento(s); i) o projeto enquanto processo em construção; j) Um projeto que, ao contrário da maioria dos projetos que geralmente são desenvolvidos nas 3 instituições, é dirigido para a ESE e não para o exterior (por exemplo, para os agrupamentos com quem as ESE se relacionam).

Condições essenciais: a) o papel das direções das três ESE ao projeto nomeadamente o seu suporte como algo essencial para o decorrer do projeto e a participação e liberdade dada para implementar o projeto; e b) o trabalho colaborativo, como característica e condição essencial deste projeto, entre as instituições, mas sobretudo entre as pessoas

envolvidas dentro de cada ESE. Um trabalho colaborativo também muito ligado a uma ideia de suporte mútuo.

Constrangimentos: a) o tempo e b) o perigo do foco excessivo nos pormenores, que, apesar de importante, pode, a dado ponto, não ajudar a ver o projeto no seu todo.

“Sentires”: a) sorridente; b) otimista; c) feliz; d) interesse, mas com incapacidade de acompanhar; e) a tentar apreender o projeto; f) sentimento de “maravilhamento”, mas ainda com pouca noção do que é o projeto; prazer no trabalho; g) motivação e envolvimento.

Refletindo um pouco sobre o modo como a equipa desenvolve o trabalho, é nosso entender que contribuem para o sucesso do grupo, principalmente três tipos de fatores. São eles a confiança, a colaboração e o cuidar. Resultante de um conhecimento prévio entre vários elementos do grupo que já tinham trabalhado em projetos anteriores, a confiança é reforçada tanto ao nível dos indivíduos como das instituições representadas, gerando-se assim um elevado nível de entrosamento entre as instituições parceiras; a colaboração torna-se fundamental ao longo de todo o processo tanto mais que a) existem diferentes níveis de conhecimento e de experiência com as temáticas da ED, o que permite uma aprendizagem entre pares através da partilha e da reflexão sobre as práticas e ainda b) as experiências diferenciadas e complementares existentes entre as duas tipologias de entidades envolvidas - ESE e ONGD são assim potenciadas e sinérgicas; se considerarmos ainda a dispersão geográfica das entidades parceiras (Beja, Lisboa, Santarém e Viana do Castelo) os diferentes níveis de cuidar, seja intra e inter institucionalmente ou do eu-indivíduo e dos seus pares, torna-se ainda mais premente. São exemplos deste cuidar as reuniões presenciais descentralizadas, a preocupação de manter a unidade global respeitando as especificidades e diferenças locais e institucionais (por exemplo, a especificidade das ações de formação de acordo com o diagnóstico de necessidades de cada ESE).

Sistematizando, o foco no processo é simultaneamente uma aprendizagem e um resultado e é em si mesmo tão importante como qualquer outro resultado final; podemos afirmar que é o processo que contribui de maneira significativa para os resultados que assim, dele dependem. É esta consciência sempre presente no fazer que afinal, é transformadora.

6 Referências

- Andreotti, V. (2014). Critical literacy: theories and practices in development education. *Development Education Policy & Practice Review*, 19, 11-32.
- Boni, A. et al. (2011). *Cómo formar ciudadanía global desde el sistema educativo formal: Docentes y ONGD's investigando cooperativamente*. València: Universitat Politècnica de València.
- Boni (2018). *Porquê uma escola transformadora?* VER – Valores, Ética, Responsabilidade. Disponível em <http://www.ver.pt/porque-uma-escola-transformadora/>
- Sadan, E. (1997). Empowerment: Definitions and meanings. In *Empowerment and community planning: Theory and practice of people – focused social solutions* (pp. 73-136). Tel Aviv, trad de Richard Flantz.